

O ESPIRITISMO

Orgão dedicado ao estudo da verdade

PUBLICAÇÃO BI-SEMANAL

REDAÇÃO, RUA DO HOSPICIO 127

Numero avulso 40 rs.



O ESPIRITISMO

R. o. 22 de Março de 1881

TODAS AS CRENÇAS SÃO BOAS!

Eis o distico que deviao ter os estandartes dos tres poderosos exercitos que comegão a ferir a renhida luta no campo de Marte: *Espiritismo, Materialismo, Positivismo.*

Se esse distico transparecesse nos estandartes tremulantes, a guerra nao seria a consequencia desastrosa dos phenomenos que se vão manifestar, ou por outra, já comegarão a manifestar-se aos olhos da humanidade errante.

Se esse distico reflectisse nas vistas de todo o combatente, a luta seria intellectual e todos caminharão com mais afan para a verdade, porque todos tratao de chegar ao fim da viagem encetada isto é, ao campo da verdade.

Se todos tivessem esse distico gravado no coração, a luta seria de amor, humildade e caridade.

Assim pensando, vejamos que a humanidade era mais feliz, porque em lugar de apontar o erro de seu irmão, procuraria primeiro examinar se não teria cahido em maior, denunciando-o. « Não julgues para não seres julgado. Se teu irmão errar, procura-o e aconselha-o em particular. Se elle cahir, ajuda-o a levantar-se, não set vezes, mas setenta vezes sete. » Na linguagem figurada de Christo: Todas as vezes que elle cahir.

O problema que vos apresenta o humilde compositor destas linhas, é bastante difficil de resolver, e isso parece ficar demonstrado na guerra constante das crenças.

Se deixasse de expôr estas idéas que me forão suggeridas pelo: Espirito, segundo os primeiros; pela Natureza, na palavra dos segundos; e pelo acaso na voz dos terceiros.

Perém para aquelle que humildemente expõe o seu pensamento aos homens da sciencia, esperando as suas luzes, será: por Aquelle que tudo póde.

Se, como acabo de dizer, espero da intelligencia robusta dos homens da sciencia a opinião a respeito do meu pensamento, é a prova cabal da minha inconsciencia; portanto abraçarei todas essas opiniões e darei preferéncia ás que forem contra, e a seus autores me curvo submisso, implorando-lhes as façõs acompanhadas dos retoques que em sua illustração julguem adaptaveis ao pensamento, que de momento occorre ao rude operario, que tão leal e francamente vol'o manifesta, esperando dessas fertillissimas fontes o que possa saciar a sua sêde de trabalho physico e intellectual.

A base do problema que me foi suggerido no pensamento: *Todas as crenças são boas*, é a seguinte:

Toda a crença é o estudo da philosophia; a philosophia é a sciencia, a sciencia é a investigação da verdade, a verdade é luz, a luz irradia-se, a irradiação vem do Creador, que é, para o Spiritista: Deos. Para o Materialista: Natureza. E para a Positivista Acaso.

Ora, se, investigando a verdade, chegamos ao conhecimento de que todos são creaturas de Deos e que elle não abandona uma só, para que dizer: a minha

crença é melhor do que a tua, porque é verdadeira, se nós sabemos que todas investigam a verdade?

Sabendo nós, que pouco importa a forma, para que tomar o efeito pela causa?

Procedendo assim, ou nos julgamos mais aptos que a Providencia, querendo apontar o erro áquelle que estuda e que por sua vez chegará ao conhecimento da verdade, ou erramos mais do que elle.

Além disso pôde ainda merecer pelo seu orgulho de julgar-se privilegiado, pois bem sabe que quem estuda investiga a verdade, e que não havendo mal absoluto, aquillo que o homem hoje julga ser um mal, amanhã reconheça um beneficio!

Assim pensando, trabalhe e estude toda a humanidade, deixando o destino de todos. Aquelle que tomou a si a tarefa de guiar o planeta, porque pôde ser que todos esses crentes estejam separados d'elle por um denso véo, que, corrido repentinamente, nos faça conhecer o erro, e ahí a sua infinita bondade, á vista do arrependimento e da prece fervorosa que partirá de todos os corações. Elle dirá ainda uma vez: « Perdoai-lhes meu pai pois não sabião o que fizeram. » E assim se realizará ainda a sua sublime parábola: « Os ultimos serão os primeiros » a passar para um planeta mais adiantado.

...

O Orgulho e a Humildade

O homem só sofre a consequencia de seu erro e cada um na razão dos seus conhecimentos, mas todos conhecerão que a verdadeira grandeza é só aquella que fôr modelada pela virtude, na pratica do bem.

O que assim pensar verá o horizonte da verdade e para elle caminhará sem receio, pois elle leva no coração a bussola da humildade, aquella de que se servia sempre o regenerador da humanidade.

Elle foi sempre grande na pratica do bem e humilde porque todos os seus feitos attribuia a seu Pai.

Até hoje vemos que a humildade eleva

o homem e o faz gozar ao passo que o orgulho o avilta e o faz sofrer, mas sempre a consequencia do seu erro, porque a fatalidade não existe!

Poderia apresentar-vos aqui muitas figuras, tendentes a demonstrar as consequencias funestas do orgulho e o lado sublime da humildade, mas a seguinte bastará:

O homem que pelo seu orgulho se colloca em um lugar que elle não tem consciencia de poder sustentar-se sempre, elle começa a sofrer ao ver a sua decadencia, que, descendo de degrau em degrau o vai nivelar com o pó, que elle até então se havia esquecido ser.

Ao contrario o humilde, que nivelando-se com o pó, começa a gozar ao ver elevar-se de dia para dia na pratica da virtude; reconhece então que o seu sofrimento foi grande, mas que a sua resignação fez com que elle depressa desaparecesse e então voltando-se para o que acaba de cair a seu lado, dá-lhe a mão e auxilia-o para que ambos caminhem.

Com esse proceder elle terá ganho na razão de dois, o que com a indiferença talvez fosse mystificado pelo orgulho e não tivesse na razão de um!

O rei que se torna grande pela guerra, sofre ao ver que outro se tornou maior pela paz.

Eis a luta do orgulho e da humildade onde esta vence sempre e aquella é sempre vencido!

Não será a minha palavra que vos sirva de exemplo, para a figura que acabo de desenhar, mas sim duas paginas da historia de nossos dias.

Se procuro fazel-as transparecer aqui, não tenho em vista senão basear o meu pensamento momentaneo, com a historia, que é o reverbero dos passados nos presentes.

Toda a humanidade sabe ou conhece tradicionalmente aquelle imperador que pretencioso, de só elle poder dominar a humanidade pela força e orgulho, se eleva até Waterloo, e daí desce até á ilha de Santa Helena, aonde elle começa a sofrer a consequencia do seu erro.

Ahi elle principiou a conhecer que tinha abusado do seu livre arbitrio, servindo-se mal da faculdade que lhe havia sido confiada.

E' assim que elle vê-se abandonado e afastado até do seu povo, abandona a materia, preso entre aquelle que elle pretendia humilhar.

A mesma t. adicção deve reverberar em todas as imaginações, a respeito daquelle rei, que, caminhando ao lado de seu povo pelas ruas da sua cõrte, descia até á enfermaria, e empunhando o vaso que continha o medicamento, levava-o os labios do enfermo, dizendo-lhe palavras de consolação, e assim minorava-lhe o sofrimento da materia e do espirito.

E o que vimos a respeito desse rei humilde?

Elle é arrebatado na flôr dos annos, chorado, não por seu povo em cujo seio expirava, mas pela humanidade em cujo coração tornava-se sensível a perda daquelle que tão bem a havia servido!

Mas essa falta era sensível apenas ao coração, porque o coração é materia e não podia conhecer naquelle tempo que o que tinha sido tão util nesta existencia, ligado ao pesado fardo material, o seria ainda mais á essencia, passando para uma nova existencia, onde não se sente esse peso nem se medem as distancias, e esta verdade já pôde ser confirmada por alguns homens que se derão ao trabalho de a investigar e que mais terião utilisado se a tivessem dado assim como a receberão, não a guardando a pretexto de que a muita luz pôde cegar.

E' portanto este o ponto em que se basea aquelle que humildemente expõe o pensamento que nelle germina, e ainda acompanhando esse pensamento, farei uma pergunta, não a um numero limitado de homens, mas á humanidade.

Sera justo que um homem se julgue o unico competente para supportar os reflexos de uma luz que elle não fabricou e muito principalmente quando elle tem convicção firme de que o fabricante da luz pôde, se julgar que ella offende a

retina, fazer descer a palpebra antes que o raio a fira?

Parece portanto, ao meu pensamento, que assim fica demonstrada a face verdadeira dos dois assumptos que formão o titulo deste artigo.

O que é o Espiritismo

O phantasma cujo nome, apenas pronunciado em qualquer centro social, aterrorisa instantaneamente, é nada menos do que a reprodução de muitos factos que se observão a tolo o momento e em todo o lugar.

Se todo o crente dessa sciencia, que é a verdade tivesse já comprehendido o sublime mandato, não procurando guardar o que é de Cesar, dizendo: o Espiritismo não é religião, é sciencia, quando elles sabem que a sciencia é a investigação da verdade, o que é verdadeiro é bom, o que é bom não prejudica.

Como o meu pensamento começou a externar-se por figuras, mas figuras que elle mesmo diz estarem ao alcance de toda a humanidade, porque toda ella deseja chegar ao conhecimento da verdade.

E a esse conhecimento pôde chegar todo aquelle que fôr bem intencionado, isto é: que procure medir a sua consciencia e não a do proximo. Não quero dizer com isto, que deixe de aconselhar para o bem, pois isso entrará tambem na medida da sua consciencia.

Passando á figura direi: porque um medico, declarando-lhe o doente que não gosta de tal ou tal medicamento, mas que o medico tem consciencia de que o doente repelle o medicamento por lhe terem dito elle amargar muito.

Este medico, se desejar apenas a saude do doente, não abusará da sciencia que estudou, se disser ao doente: sim é verdade, este medicamento é bastante repugnante, mas eu vou receitar-lhe outro mais agradavel ao paladar e que produzirá o mesmo effeito.

Este medico, receitando então o mesmo medicamento por outra fórmula, terá conseguido o seu fim, que é o de curar.

Assim elle gozará na extensão da palavra, vendo, que apenas mudando de fórmula, vê a sua boa intenção coroada de feliz exito ao ver o enfermo, tragando o ultimo gole do conteúdo do vaso, saborear o que acaba de engulir e dizer: isto sim, senhor doutor, bastante razão tinha eu em não querer aquelle remedio que me disserão amargar tanto; parece-me que já estou melhor, já sinto afastar de mim a idéa da morte e vejo no pensamento um raio de luz, que parece indicar-me o proximo restabelecimento.

Esta manifestação do espirito do doente será em breve tangivel ao medico, que gosará sempre conforme sua intenção, e, vendo o seu cliente completamente curado da enfermidade, poderá então dizer: a tua fé te salvou, o remedio que repelias inconsciente, é o que inconsciente tomaste.

Assim vós que estudais o Espiritismo e sois bem intencionado, dai-o pela fórmula que vos approuver, isto é: ao que o entende como sciencia, dai-o como sciencia, como religião ao que o quer como religião, e como bfinquedo ao que só o quer como mero divertimento, porque elle é a verdade e utilizará a todos, segundo a vossa intenção.

O CRIME DA RUA LARGA DE S. JOAQUIM

E' uma sessão Spiritica entre as diversas autoridades que a ella assistirão, a familia victima, alguns paisanos e a força publica.

Romão, que de algum tempo a esta parte, lutava com difficuldade para viver, devido á falta de resignação nesses momentos, alimentava a raiva e assim attrahia a si todos os elementos della.

Nessas occasiões mesmo (segundo a noticia publicada em algumas folhas) elle dizia: parece que o meu desejo constante de ver sangue, me levará a fazer uma morte.

Ora, se nós sabemos que a fatalidade não existe, tambem sabemos que existem leis naturaes que nós desconhecemos e sem ir de encontro a ellas, porque são immutaveis, torna-se-nos vidente, que, tendo Romão o desejo constante de ver sangue, aquelle que o levasse ao matadouro onde

esse liquido jorra todos os dias, elle ahí teria o desejo de fazer a morte e o sangue que lhe salpicasse a materia arrebatá-lhe-hia o do espirito, isto é, a idéa preconcebida.

Não desejando afastar-me do assumpto em questão vejo o meu pensamento caminhar parallelo com o acontecimento, e Romão, *medium* inconsciente, tendo attrahido a si (pela sua falta de fé), os elementos da discordia, provoca a guerra e assim é levado ao quintal, em estado *medi inimico* e ahí, tentando arrancar as taboas, ouve a voz que lhe diz: « que faz vesinho, » esta voz auxilia-o. não para retroceder, mas para mais facilmente se approximar mais daquella que lh'a dirige; e transpõe sem difficuldade a barreira que se lhe antepõe.

Assim vemos Romão, ir assassinar sem levar arma, apoderar-se da primeira que se lhe apresenta, que é uma thesoura, procurar aquella cuja voz o havia attrahido e mutilal-a no interior da casa, deixando na sala um homem em quem poderia saciar o seu desejo de sangue; vemos o filho da victima e rir desesperado ao ouvir os gritos afflictivos que soltava sua mãe, e esse estado de desespero não era por certo o capaz de estabelecer a paz entre aquelle que dava golpes inconsciente, e a-sim Romão, que tinha a guerra no espirito, volta-se ao elemento mais forte e fazendo tombar o filho que havia corrido em auxilio de sua mãe.

Cumpre-se assim uma lei natu al ao pensamento mas desconhecida á materia.

Correndo Romão, ao conhecer o que havia feito, é perseguido, não pela paz de espirito de que elle tanto precisava, mas pelo clamor publico que, desconhecendo a lei que regia o facto via a medalha pelo verso.

Vêde o facto ligado ao pensamento, investigai a verdade, vós que desejais ap ender e se vierdes illustrar com vossas luzes os humildes redactores desta folha, muito tereis ganho na pratica do bem, pois elles desejão a luz e humildemente a receberão donde ella se irradie.

No proximo numero continuaremos a confrontação deste pensamento com aquelle facto, e a base será sempre a verdade.

Assim pensando, offerecemos o nosso pensamento aqui manifestado, ás pessoas que delle se quizerem utilizar e para alguns esclarecimentos sobre estas idéas, acharão na officina onde se imprime a nossa folha, que é a mesma casa que por especial favor nos foi concedida por seu dono, para servir de escriptorio da Redacção.



O ESPIRITISMO

Orgão dedicado ao estudo da verdade

PUBLICAÇÃO BI-SEMANAL

REDAÇÃO, RUA DO HOSPICIO 127

Numero avulso 40 rs.

O ESPIRITISMO

Rio, 31 de Outubro de 1881

Nada podendo dizer a respeito da sensação que produziu o nosso primeiro numero, continuaremos na exposição do pensamento, que parece problematico e digno de estudo.

Sendo, portanto, elle apresentado com humildade pelo cerebro onde foi germinado, é justo que aquelles que o quizerem saber, estudem humildemente e se tiverem orgulho de o saber já, só o poderão pôr em pratica, com humildade.

A palavra « que parece problematico », suggerio ao pensamento pelas opiniões ouvidas verbalmente em alguns centros sociaes.

Algumas dessas opiniões, erão: sobre os erros typographicos, outras apresentavão a falta de ligação nas idéas algumas mesmo, se offerecerão para firmar o seu nome em algumas linhas, afim de serem publicadas em nossa folha, e finalmente aquelles que se dedicam á investigação da verdade, declaram abraçal-o.

Na analyse das opiniões vou mostrar que os ultimos são os primeiros!

Apontar erros typographicos no primeiro numero de um pequeno periodico, não será por certo, a opinião mais cabal que se possa dar áquelle que se apresenta na arena jornalística, como orgão dedicado ao estudo da verdade, expondo em seu primeiro numero um pensamento, que, começa por banir a idéa da infalibilidade no planeta.

A falta de idéas ligadas, notada por homens da sciencia torna saliente o orgulho, pois o pensamento humilde, só pôde ser estudado com humildade, e se esses homens conhecessem a verdade, terião visto que a falta de coadunação nas idéas traz á luz da verdade, que o pensamento, definido, logo de prompto, por aquelle que apenas começa a beber a sciencia, apresenta-se como problemas áquelle que não o quer estudar ou pôr em pratica.

As linhas offerecidas e firmadas por seu autor, comquanto o redactor desta folha, (ancioso por vêr a verdade entre o genero humano), as abraçasse apenas verbalmente offerecidas, até hoje não teve o prazer de as receber e com isso soffre, pois desejava ver no periodico que humildemente redige a firma de uma illustração, que ha tantos annos estuda a verdade, para assim, estabelecer a discussão, d'onde nasce a luz.

Aquelles que abraçarão o periodico, apenas ouvirão a sua leitura, esses são os primeiros, porque, desejando aprender, uma doutrina, acharão-o digno, baseando-se em alguns pontos della.

Elles, não condemnando á priori, apontando só as consequencias funestas que podião resultar dessa publicação, abração para estudo, da investigação na verdade, afim de mais tarde, depois acurado exame dar então a opinião á posteriori; por i experiencia tem demonstrado que a condemnação de hoje pôde ser a absolvição d'amanhã.

Na condemnação á priori é que elles podião errar julgando pelas consequencias

más que podião advir e não analysando, não podião dar opinião, pois o verdadeiro critico só o póde ser com conhecimento profundo.

Esses, que por ultimo abraçarão a idéa, com o unico fim de estudal-a, serão os primeiros a conhecer a verdade.

Pensando assim, têm certeza de chegar ao fim da viagem encetada, e na sua marcha terão forças sufficientes para levar após si todos aquelles que seguem para o mesmo fim.

Nesse ról poderá entrar o que offereceu o seu pensamento, com o fim unico de o ver estudado, pois elle não tem orgulho de apresentar uma doutrina que, apenas apresentada, seja logo tomada como mandamento.

O unico desejo que alimento no pensamento, é o de que a luz se faça, não pela guerra das crenças, que buscão o conhecimento da verdade, essa verdade que tende a glorificar Deos e a estabelecer a paz entre os homens, de boa vontade.

O Orgulho e a Humildade

O artigo sob este titulo, produzio bom effeito, não só pela moralidade, como pela confrontação historica.

Algumas opiniões, porém discordão do ultimo, isto é, o que ainda não foi concluido!

Não será orgulhoso aquelle que condemna um facto, apenas por ouvir o começo da sua narração?

Para que condemnar um facto que se basea em um pensamento, com o unico fito de que é absurdo, porque é impossivel, impossivel por que é desconhecido, desconhecido porque basea-se em uma causa cujo effeito não sabemos determinar, pois sabe-se mathematicamente que a sciencia ainda não deu o ultimo passo e que ha muitas leis naturaes, cujo conhecimento ainda não póde chegar ao investigador que se jacta de muito saber e julga que só póde dar, leis quem leis estudou; só póde curar, quem para curar aprendeu.

Sabemos nós que quem estudou leis ou medicina, gastou, durante o tempo que cursou a academia, muito dinheiro, e, exercendo-a por dinheiro, cumpre evangelicamente o seu mandato, pois dá por dinheiro o que por dinheiro recebeu.

Ainda assim, poderá exercer a caridade conforme as suas forças e como lhe ditar a consciencia, pois ganhará conforme a sua intenção.

Mas como poderemos traduzir a divina parabola: « Dá de graça o que de graça receberes. »

Não ha de ser, por certo, tendo orgulho de que só póde saber aquelle que aprendeu e pretendendo assim demonstrar com as trevas aquillo que é luz!

Se, não é verdadeiro o meu pensamento, como explicar a mesma parabola « dá de graça o que de graça recebeste. »

Quer dizer, que aquelle que aprendeu sem dispendio ensine e exerça o que sabe, pela mesma fórma que o adquerio, mas sempre com humildade e não fazendo mysterio, procurando que todos investiguem a verdade, propondo a discussão, ou rogando aquelles que não quizerem esta, que esperem que a luz se faça.

A reproducção de muitos factos que, successivamente se vão dar, não deixarão o leitor por muito tempo na expectativa, pois aquelle que fôr humilde espectador, terá occasião de apalpar, gozando com a observação, ao passo que o orgulhoso será tambem obrigado a vêr e apalpar, soffrendo assim a consequencia de seu erro, que será na razão da sua incredulidade, á vista dos factos.

Assim, pois, vós que não tendes orgulho de tudo saber, nem acreditais que não exista o que não podcis vêr, esperai e observai, pois os tempos são chegados.

Não receeis que este pensamento vos offenda directa ou indirectamente, porque presta-se á investigação da verdade e a luz não se fez para pôr debaixo do alqueire nem o pensamento póde offender senão ao cerebro onde germina.

O que é o Espiritismo

Terminei o meu artigo antecedente, dizendo que se podia dar o espiritismo como brinquedo, e continuando a mesma theoria direi: « A Cesar o que é de Cesar. »

Todo o mundo sabe que as primeiras noções praticas de espiritismo, forão observadas por creanças, nos Estados-Unidos. Ora, sendo isto uma verdade, verdade é que o espiritismo pôde ser observado pelas creanças, e não podendo ellas, em attenção ao seu estado adolescente, estudal-o como religião ou sciencia, só o poderaõ ver como brinquedo, sem que isso os prejudique, porque, sendo o espiritismo obra do omni-sciente, elle o mandará conforme as forças, isto é, os espiritos innocentes entre os innocentes.

Assim, vai apparecer entre nós a renascença do espiritismo, digo *renascença*, porque tendo elle o seu começo entre a infancia, vai de novo reaparecer entre ella, porque o que está escripto ha de dar-se, mesmo independente da vontade dos homens e o facto ha de observar-se.

O espiritismo presta-se a tudo quanto é bom, por isso prestar-se-ha ao brinquedo innocente, mais facilmente do que ao mysterio, porque daquelle nascerá a luz e deste as trevas, que têm de desaparecer com o reflexo daquella.

Estude-o como quizer todo aquelle que é bem intencionado, tomando por base a caridade e humildade, que é o amor do proximo, e assim veremos que todos caminharão para o mesmo fim.

Não procurem os homens medir o que não vêm ou apalpar o que não sentem, isto é, a consciencia do proximo, porque o que assim pensar pôde cahir em erro, mesmo na confrontação da doutrina que estuda, e por e-sa fórma poderá dizer: é absurdo o espiritismo entre as creanças, pois nada pôde aproveitar.

Poderá então outro dizer: se elle não proveita á infancia, que o elemento onde germinou, não tem base e portanto não pôde utilizar á sciencia, que sempre se deve basear em um principio.

O principio em que se baseão os que estudão o espiritismo, é o apontado pelo fundador da doutrina, e essa doutrina, entre os seus pontos mais esclarecidos, nos diz que os espiritos não se prestão a especulações nem a descobertas de thesouros occultos.

Baseado neste principio e de accôrdo com o fundador da doutrina, nos principios expostos, direi: é mais nocivo o espiritismo como sciencia, para aquelles que o estudarem de encontro aos dois pontos citados, que para aquelles que o observarem como innocente brinquedo.

O CRIME DA RUA LARGA DE S. JOAQUIM

(CONCLUSÃO)

Ao clamor publico accudio, como sempre a policia, que, acossando Romão, o obriga a esconder-se em um quarto e trancar-se por dentro, ficando nesse ponto até que um cabo da guarda urbana, que com elle havia servido como praça no 10º batalhão de infantaria; naquelle momento, com alguns de seus companheiros, depois de terem percorrido a casa, chegão ao ponto em que, dizem as noticias achar-se Romão intrincheirado, atirando projectis e dando tiros de revolver.

O refugiado, ouvindo os de fóra dizer: « deve estar aqui », responde algumas palavras e a sua voz é reconhecida pelo cabo, que com seus camaradas buscava o criminoso.

O cabo animado por uma força occulta, pede a seus companheiros que se retirem da frente da porta, para que não soffressem a consequencia daquillo que elle só havia provocado.

Depois das cousas assim dispostas, consegue abrir a porta e achando-se face a face com o seu antigo companheiro, exclama: « o que é isso, *Bahia* » ao que Romão, conhecido por *Bahia*, responde pacificamente: « deixa-me, fiz isto e não sei porque », —mas entregas-te á prisão, continúa o interlocutor: « entrego sim, a vosse, » nesta occasião dispunha-se a entregar-se ao seu antigo camarada, mas a raiva, manifestada por seus companheiros, fez com que Romão,

retrocendo, dissesse: se é com guerra, eu também sou valente, e começou a atirar sobre aquelles que pretenderão agredil-o tudo quanto podia alcançar de momento, respeitando sempre o seu antigo companheiro, que como uma estatua conservava-se na sua frente, e apenas foi offendido levemente por uma pedra atirada para um seu camarada, que tentou livrar-se, escondendo-se por detrás d'elle.

Não podendo supportar a resistencia do criminoso, retirão-e, não só os guardas, como o antigo camarada do Romão, ficando este com o campo livre, isto é, no quarto, onde se achava, que ficava situado no centro do corredor, que media, approximadamente 6 metros de extensão.

As portas lateraes deste corredor, que terminava na sala da frente e no quintal, que, dividido por um tapamento de tabuas, utilisava aos moradores do sobrado e loja.

Tanto de um lado como de outro, achavão-se homens armados, fardados e alguns á paizana, não posso precisar o numero nem de uns, nem de outros, mas posso afirmar que era grande o dos primeiros e limitadissimo o dos segundos; entre estes, tornava-se muito saliente um, vestido com sobretudo mescla, de cor entre azul e flôr de alecrim.

Este homem estava do lado do quintal e empunhava uma vara, semelhança da que os carreiros usão para conduzir os bois.

A casa estava cercada, mas á hora que isto se passava no interior, alguém atravessava por entre a multidão, penetrava no corredor do sobrado, percorria-o na sua extensão, e não encontrando o homem, que era voz geral, resistia á prisão, dirige-se a uma senhora e pergunta-lhe por onde póde seguir, para chegar ao lugar onde se acha refugiado o autor das scenas de sangue que elle acabava de vêr reflectir nos feridos. Informado convenientemente, desce a escada, entra na loja e dirige-se para o ponto onde se achava Romão, sendo apenas interrompida a sua marcha, no momento em que ia transpôr a porta que fechava o corredor sobre uma pequena area, pela espada do cabo Manoel Ribeiro da Silva, que usando essa precaução para que aquelle que tão ancioso corria em auxilio do criminoso, que também estava ferido.

E' assim que Silva, atravessando a espada na frente daquelle que caminhava tão bem intencionado, que não encarava o perigo, dirige-lhe a palavra nos termos mais suaves, aconselhando-o a que se resguardasse, pois podia ser ferido por uma bala de revolver, porque, segundo dizião, alguns tiros se tinham ouvido naquella casa.

Essa pessoa, aceitando os conselhos que tão amigavelmente lhe davão, por sua vez anima Silva, para que nada receiasse, e, encostado á espada, que continuava atravessada na sua frente, chama Romão, e este, ouvindo a voz que o chama, chega á porta do quarto, que dava para o corredor e res-

ponde: « Que queres? E's mandado pelo Pedro II? vem cá e traz elle também. »

Forão estas as palavras que Romão pronunciou logo que ouviu a voz de quem o aconselhava que se entregasse sem resistencia.

Continuando o interlocutor de Romão a aconselhal-o como amigo, este lhe diz: « Se és meu amigo, vai buscar-me um revolver. » Continuando o interlocutor a socregar o espirito de Romão, que se achava tão exaltado, começou a auxiliá-lo o cabo Silva, que como irmão também aconselhava o criminoso, que se achava no centro da porta, enquanto que, por um buraco que haviam aberto no assoalho, despejavão cal, que mais incommodou os que fallavão com Romão, que elle proprio, que ao sentir a queda do material, dizia: « Despeja para ahí. »

Continuando as instancias do interlocutor de Romão, que já a este tempo se achava auxiliado pelos cabos Silva e João Paulo do Nascimento, Romão, dirigindo-se aos tres que o aconselhavão que pedisse a Deos que o auxiliasse, a esse Deos que havia pouco elle confessára ter offendido, diz: « Vou pensar. »

Retirando-se para o centro do quarto, vê alguém que, pelo buraco aberto no assoalho, lhe diz: entrega-te *Bahia*. E' o seu antigo camarada, que de novo lhe apparece e a quem Romão responde: « entrego sim. » E encaminhando-se para a porta dirige de novo a palavra áquelles que o aconselhavão, nos seguintes termos:

— O povo não me arrasta?

— Não te faz cousa alguma respondem os tres; nós te auxiliamos, para que elle não te offenda.

— E vossês? replica Romão.

— Nós, nada te fazemos, respondem estes á interrogação.

— Então para que essas espadas? continua Romão.

A esta pergunta, o cabo Silva e Nascimento, embainhão as espadas e convidão seus companheiros a imital-os, depois do que, Romão, sempre armado com a thesoura e uma pedra, convida o paizano que havia tanto auxiliado para a sua prisão pacifica, convida-o a que se approxime, e este á frente dos dois cabos que o seguião, caminha para Romão, chegando, porém, a dois passos de distancia do criminoso, faz alto e diz-lhe, abrindo o paletot e mostrando o peito:— Não julgo que sejas capaz de ferir aquelle que aqui se apresentou com o unico fim de aconselhar-te como irmão, pois está indefeso, como estás vendo.

Chegando-se então para Romão, este deixa a thesoura e a pedra, dando um braço ao paizano, outro ao cabo Silva e assim é conduzido para sala da frente, aonde chega quasi exausto, embora seguro por mais de vinte guardas. A' vista do seu estado, tornou-se necessario deital-o sobre uma meza; eis como se effectou a prisão.

O ESPIRITISMO

Orgão dedicado ao estudo da verdade

PUBLICAÇÃO BI-SEMANAL

REDAÇÃO, RUA DO HOSPICIO 127

Numero avulso 40 rs.

O ESPIRITISMO

A verdade é uma maravilha tão estu-
penda, que o homem, fraco como é repel-
le-a sem exame!

Aquelle que se dedica ao seu estudo,
deve ter sempre os braços abertos, não só
para ella, como para a mentira, pois assim,
depois de minucioso confronto poderá
determinar, que, mais prejudica abraçar
uma inconscientemente, do que as duas
para estudo!

Entre as muitas figuras que podia aqui
desenhar, optarei pela da luz e as trevas,
que pôde ser desenvolvida como soberba e
humildade, ignorancia e intelligencia, e,
finalmente, mentira e verdade.

Sabendo nós que só se levanta quem
cahio, é logico, que, aquelle que se levan-
tou, tomará mais precauções do que aquelle
que nunca cahio.

Se isto é uma verdade, como incontes-
tavelmente parece, verdade é tambem que,
aquelle que não deseja cahir, pôde conse-
guir essa suprema graça com o estudo,
na pratica da virtude, que é o amor ao pro-
ximo.

Como amaremos ao proximo?

Não é apontando aquelle que cahio, por-
que estava nas trevas, trevas essas que,
só as podemos ver quando estão na nossa
frente, sem o que não as poderíamos apontar.
Ora, sendo uma verdade, que nós acompa-
nhamos a immutavel lei do progresso, é
tambem verdade, que caminhamos para o
ponto declinado, que é o das trevas, para

aquelle que apontou o erro do seu seme-
lhante, julgando e sendo julgado com a
sublime sentença: Consequencia do erro.

O mesmo ponto será o de luz, para
aquelle, que visando o mesmo horizonte,
e vendo seu irmão que caminha um pouco
mais retardado, o aguarda para caminha-
rem juntos, procurando assim illuminal-o
e ser por elle illuminado, para melhor
poderem romper o espesso véo que se lhes
antolha.

E qual o resultado?

E' suprema felicidade pela confraterni-
sacão da humanidade, que estabelecendo
a paz entre si, chegará mais suavemente
ao fim desejado, que é a regeneração.

O Orgulho e a Humildade

A regeneração basea-se no principio de
humildade, porque esse principio mostra
que todos são iguaes perante a Lei que é
Força capaz tudo sobre todos e que todos
não são sufficientes para exercer pressão
alguma sobre Ella!

Sabeis vós o que é essa Força?

E' o Poder Supremo que os homens ve-
nerão, e que não divergindo de fundo, é
guerreado pela fórmula, isto é pelo nome.

Eis porque vemos todos os dias a guerra
entre os homens, e o que é mais para
lastimar, é vel-a cada vez mais renhida e
alimentada pelos elementos da paz, e isso
devido sómente ao orgulho da humanidade,
que, sabendo nada importar a fórmula e
tudo o fundo, censurão o que estuda,
pela simples questão de nome!



Questão de nome, digo bem, porque todos estudão e quem estuda caminha para um principio, esse principio é a verdade, que se irradia para todos, sómente pela investigação.

Neste turbilhão de idéas que se reflectem em uma imaginação sem cultivo, vem á luz meridiana, que a verdade é um estudo cujo ponto culminante pôde ser attingido pelo letrado e pelo analfabeto, e se alguma differença houver, será sempre a favor deste, que, desconhecendo a rhetorica que se bebe nos bancos escolares, caminhará como o cego, que, caminhando e apalpando, vencerá todos os obstaculos, saltando com precaução por sobre todas as sinuosidades, vencerá mais facilmente a distancia, pois leva na mente a idéa de que não sabe, mas que quer aprender com humildade e que quem quer saber assim, saberá.

E' esta a verdade, mas a verdade que o orgulho não abraça, porque o orgulho alimenta-se no erro, e o que tem a ceiva no erro não admite emenda.

Sim, não admite emenda, porque cahido no ponto em que se acha inactivo e aniquillado, elle brada bem alto apontando o erro ao que caminha, julgando que só elle sabe, porque aprendeu, e esse orgulho faz-lhe esquecer parte do que sabia, quando diz que o discipulo não pôde saber mais do que o mestre!

Ora, se quem assim pensa não erra, terá primeiro de demonstrar, que, não é verdade que os ultimos possam ser os primeiros, que os doentes não podem ser os medicos, para depois de operada a mudança, serem todos curados.

E, finalmente dirá, não áquelle que caminha sem lhe dar ouvidos, não porque alimente o orgulho, esse accessorio de todas as imperfeições, mas porque, desejoso de conhecer a verdade, receia desviar-se um momento da estrada que para ella conduz, dirá então, quem ensinou aos fundadores dos diversos ramos da arvore da sciencia.

Se isto não se pôde demonstrar, demonstrada fica, que os homens só podem conhecer certas verdades quando não conhecerem o orgulho.

Raiará então o sol da liberdade do centro do circulo luminoso, formado por aquelles, que, cegos pela vaidade, desconheciam ser irmãos e guerreavam-se como feras, na tenebrosa noite do orgulho, mas hoje, que chegam ao ponto terminal da sua carreira, dão as mãos áquelles, contra os quaes tanto haviam lutado e cantão: Gloria á Verdade e paz aos homens, que todos são irmãos perante Ella!

O que é o Espiritismo

E' tudo quanto luz, e se ainda se conserva um pouco offuscada, é pelo nevoeiro da descrença, que se condensa rapidamente, na guerra das crenças que começa a manifestar-se e tende a augmentar-se com a vertiginosa carreira do pensamento.

Essa neblöse, concentrando em si os gazes atmosfericos, formará diversas de muitas dimensões, e assim espalhadas continuarão o curso rapido impellidas pelos elementos que a Natureza destinou para a sua conducção.

Nesse percurso aereo, ordenado em diversas direcções, haverão fortes embates e de cada um será expellida sobre a terra uma scintella luminosa, sendo essas scintellas as que illuminarão a Verdade que é a arvore da sciencia, em cujos ramos estuda toda a humanidade.

Vendo assim desenvolvido philosophicamente este pensamento, que é a Verdade, é Deos para uns, Materialismo para outros, Positivismo para aquelles e a paz para todos os que se achão na estrada do progresso, que é a trilhada pela humanidade.

Seja, pois, o pharol de todos esses navegantes, o sol descripto no artigo precedente e a vontade de todos seja a de alli chegar primeiro, ou então a de animar aquelles que, pelo simples facto de começar, tarde julgão impossivel attingir o extremo e assim lhes suggere a descrença, que não é senão o retardamento da sua marcha, porque não havendo mal absoluto, o impossivel não existe. O que existe é crença abalada, a crença que accusa accusando-se, podendo defender defendendo-se.

O CRIME DA RUA LARGA DE S. JOAQUIM

A verdade é o que o homem mais repelle! Se a ouve contesta-a, se a vê irradiar-se, fecha os olhos, receiando cegar-se, se a sente não a quer apalpar.

O facto que com este título expuzemos, é a verdade tangível, entretanto ninguém a quiz apalpar, mas muitos a contestarão.

Esses que a contestarão e contestão não a querem apalpar; se desejassem saber a verdade, começariam por procurar os guardas que aqui mencionei e elles confessariam, não a noticia que a todos foi manifestada, por aquelles que se propõe ser verdadeiros noticiosos, isto é, dar a noticia conforme a receberão.

Perguntai vós, a esses urbanos que assistirão á prisão, se estão lembrados de effectuar uma prisão, á qual o delinquente resistisse, sem lhe tocar de maneira que o offendesse, como se effectuou a prisão de Romão?

Perguntai áquelles que virão Romão estendido, exanime, muito antes da chegada de S. Ex., S. Ex. que a noticia disse tanto haver coadjuvado para a captura do pre-o, a *captura do preso*, (é uma verdade,) que appareceu na noticia!

Entre as pessoas que comparecerão ao ponto do conflicto antes de Sua Excelencia, havião militares, fardados e a paziana, entre estes contava-se o coronel commandante do 10º batalhão de infantaria, esse brioso militar, que, como que atraído por uma força occulta, ante o preso, para reconhecê-lo; neste momento, Romão, quasi desmaido, sente o seu bafejo e exclama: « Oh! meu coronel!... Meu commandante! » E deixava cahir de novo a cabeça sobre o travesseiro que um homem caridoso, implorara a um guarda fosse buscar ao quarto do ferido, esse homem, vendo que o movel estava coberto de cal, forrou-o com um trapo, que havia sido uma calça de brim, para que o encosto suavizasse mais o soffrimento do preso que estava ferido.

Perguntai a esse heróe o que se passou e os sentimentos que alguém lhe manifestou, sentimentos que coadunarão com

os seus, porque partião de dois corações que, havião pulsado fortemente ante os jorros de sangue, que em borbutão corrião do corpo de seus irmãos, na guerra mortifera, alimentada cinco annos pelos homens encarregados de guiar os poderes da nossa patria!

O *Espiritismo* saúda a guarda urbana, pelo modo com que se houve na occasião de effectuar a prisão de Romão, occasião essa em que foi escripta a mais brilhante pagina dos feitos daquela guarda. Saúda tambem todos que amão a verdade, e esperam dar a ultima resolução deste problema, na occasião em que fôr Romão julgado, á vista do revolver com que dava tiros, quando estava intrincheirado no quarto, donde nunca mais sahio e á porta do qual foi preso, tendo em uma mão uma thesoura e na outra uma pedra.

A IMPRENSA E O NOSSO PERIODICO

Se não conhecesse que o pensamento suggerido é sublime, porque tende a estabelecer a *pax hominibus*, prégada á mil oito centos oitenta e um anno, e até hoje, comquanto nunca desaparecesse da face da terra, sempre foi mal comprehendida, mas, sendo chegados os tempos, e porque? Porque estamos no seculo da luz, aquelle que assim o baptizou no seu começo, vos diz agora: Os Tem-pos-São-Che-ga-dos! Es-tu-dai... Es-tu-dai... Es-tu-dai!!...

Mais tarde vos dirá ou já vos disse: Estudai aqui ou na doutrina que se encerra em dois mandamentos. Assim não receiareis que a luz se faça!

Quem assim expõe o pensamento, diz a verdade sem accusar e sujeita se a consequencia do erro.

A justiça começa por casa:

Sendo o redactor, proprietario, compositor, unico escriptor e revisor desta folha, um só homem, faltou a um dever dos mais importantes, para quem estuda a verdade: a cortezia para com seus semelhantes na imprensa, aos quaes pede desculpa e roga, dado o caso que queirão possuir o *Espiritismo*, poderão mandal-o buscar á nossa redacção, emquanto não se esgotar,

pois lhe será dado. Poderão também estudal-o detidamente e mandar-nos as suas luzes, assim como já o fez essa folha, em cuja frente se lê:

REVISTA ILLUSTRADA

Na analyse philosophica da sua noticia, achamos que essa casa dá o que tem na taboleta: « Illustração.

Ainda no correr da noticia, mostra que Revio o nosso artigo de apresentação, pois termina com as ultimas palavras delle e assim deixa transparecer, que, comquanto não abraça, na fórmula, isto é, no nome, o que nós abraçamos, respeita e espera que a luz se faça para todos!

Isto se conclue da sua parte satyrica, dirigindo-se-nos:

« E' favor escreverem-nos de lá, sim? »

Que nesta philosophia, quer dizer: não seremos cegos quando a luz se fizer.

GAZETA DA TARDE

Lendo apenas o nome do periodico, condemna-o de *Ab-surdo*; absurdo em philosophia não existe. Absurdo em philosophia é mal *Ab-soluto*.

Mal absoluto, é condemnar a fórmula, abandonando o fundo, sabendo que aquella nada importa e este importa tudo.

Abandonando o gracejo, esperamos a opinião criteriosa das illustrações que colaborão naquella importante orgão da imprensa fluminense, e a essas fontes de sciencia imploramos as suas luzes, mas em these philosophica, porque, sendo o nosso estudo philosophia, não podemos arredar-nos daquillo a que nos propuzemos, que é o estudo da verdade, essa verdade que nos obriga a pedir das colunas do nosso periodico, o que em particular não pudemos obter, mas sempre desejosos de que a verdade appareça em toda a sua extensão, embora aquelles que apenas começam a conhecê-la, repillão-na por ser grande.

O FUTURO

E' do que *O Espiritismo* trata e foi delle, que *O Espiritismo* se esqueceu, mas hoje, arrependido da falta commettida inconsciente, espera merecer o perdão, por ter

ainda uma vez podido observar a sublime verdade: ninguém no mundo é perfeito e o que se julgar melhor, não poderá atirar a primeira pedra.

Tendo enviado o nosso periodico a algumas redacções, áquellas que mais conheciamos, esquecemo-nos do *Futuro*, e qual foi o nosso soffrimento ao vêr o ponto que visavamos esquecido?

Imagine o leitor a dôr que poderia sentir aquelle que ancioso corre no encalço da Verdade, que abysmada foge perseguida por aquelles que, annunciando-se seus discipulos, a repellem sómente por ella se apresentar com todo o esplendor!

Mas Ella, Ella a Verdade, não foge de nós, que somos seus filhos, Ella caminha para o novo Sinai e ahi aguardará até que o Panteista, o Positivista, o Materialista, o Espiritista e quantas raças compõe a humanidade, unindo-se, entoem como se fosse uma só voz: *Gloria in ex Celvis Deo*, e Ella, vendo que os homens a conhecem, responderá então: *In Terram Pax Homi-nibus Et Voluntatis!*

Comece, pois, o *Espiritismo* arrependido por ter deixado de contemplar o *Futuro* que ancioso mandou a sua folha aquelle que se propõe estudar, esperando a fraternidade, que também faz parte do seu estudo!

Terminando a nossa confissão, verdadeira ante todas as crenças, diremos ainda uma vez: Aprendei estudando, confessemos a nossa culpa, antes que apontemos a do proximo, para assim podermos conhecer dessa fórmula a trave e não o argueiro.

Estadando a verdade, verdade é que ha nesta corte pessoas cuja indigencia não permite dar 40 rs. pelo nosso periodico, a esses humildes, será distribuida gratis a nossa folha, logo que a solicitem á porta da nossa officina.

A verdade ou o seu estudo é para todos, os que não souberem ler, serão os primeiros a apalpa-la.

Bem aventurados os pobres de espirito de contradicção (a verdade escripta na fórmula).